

Revista Clique 01 - Abril de 2002 ::

> clique <
Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise
de Campo Freudiano



Palavras e Pílulas
A psicanálise na era dos medicamentos

abril 2002 n°1

Editorial

Apresentação

O ensino de Lacan

Jacques-Alain Miller

Como engolir a pílula?

Eric Laurent

Instantâneo: Palavras e Pílulas

Mesa-redonda

Sujeito e fármaco na pós-modernidade

Márcio Peter de Souza Leite

A monocultura e a paisagem - o psicofármaco para a psiquiatria e para a psicanálise

Francisco Paes Barreto

O fármaco e a droga

Carlo Viganò

Toxicomanias antidepressivas

Lenita Bentes

Ora, pílulas!

Sandra Arruda Grostein

O Viagra

Antonio Beneti

A forma pílula

Marcela Antelo

De que corpo se trata?

Romildo do Rêgo Barros

A Farmácia de Lacan

Sérgio Laia

Caderno da Comissão Matemas

Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano

Como adquirir o seu exemplar?

EDITORIAL

A psicanálise é praticada num duplo movimento. Cada analista é responsável pela materialização do inconsciente em meio aos ditos de seu paciente, mas, para isso, precisa apoiar-se no espírito de seu tempo. Em outros momentos de nossa cultura, para que a análise operasse, bastava muitas vezes a oferta silenciosa do analista, pois a falta de sentido operada pelo discurso corrente levava o paciente até ele. O analista se apresentava como aquele que viria elucidar os enigmas do discurso. Hoje, eventualmente, chegam a nós demandas apoiadas não no regime da falta, do enigma, mas, preferencialmente, no regime do excesso. Excesso, entre outros, manifestado através de uma depressão vazia de sentido, de uma adição ansiosa aos objetos de consumo ou às soluções tóxicas.

Sob o primado desse excesso, uma demanda dirigida à psicanálise ganha corpo. Ela enuncia: “faça-me, com suas palavras, o mesmo que os gadgets e as pílulas.” Este primeiro número de Clique trata dessa demanda e da relação entre significante e gozo que ela supõe. Discute-se aqui, também, os modos pelos quais o analista interpreta a articulação entre as palavras e as pílulas em nossos dias e como, a partir de um uso original do significante, ele ali instaura a novidade da experiência analítica.

A demanda de medicação não é forçosamente endereçada ao analista; ao contrário, este a encontra a cada passo de seu trabalho e isso porque sua palavra pode assumir os mesmos efeitos da pílula: placebo, “mais de libido”, pharmakon, anestésico (1) . O que não significa que ele tenha que competir com os medicamentos. As pílulas podem ser úteis ao analista. Elas podem, com seus miligramas e centavos, compor, por exemplo, um equivalente de medida fálica para o gozo desmesurado do Outro com o qual vive um psicótico; podem regular a injunção “superegóica” vinculada ao gozo materno em um sujeito histérico, ou, ainda, intermediar a relação entre um sujeito anoréxico-bulímico e o Outro convertido em nada, a quem endereça sua demanda vazia.

Para decepcionar, de boa maneira, a demanda de prazer que a pílula pode veicular, cabe ao analista a interpretação, visando desamarrar os laços que a fazem encarnar — tal como o Viagra — o objeto condensador de gozo de forma exclusiva. Cabe ainda ao analista interpretação para que o medicamento revele, como objeto libidinal, sua inserção no Outro, sua vinculação à letra que, fora do sentido, desenha os contornos do gozo do sentido.

Em nosso caso, cada sessão é propositadamente encurtada, acelerada, a fim de permitir que essa intervenção do analista encontre sua eficácia. Constitui-se, assim, o espaço do acontecimento, do “clique”. Em contrapartida, as sessões se sucedem em um longo período de tempo, anos e por vezes décadas. Esse é o espaço da Durcharbeitung (trabalho de elaboração), de um tempo não redutível. Neste sentido, o analista está à vontade em nossos dias, época da resolução em apenas um clique e, ao mesmo tempo, muitas vezes, em situação precária, pois, para poder transmitir algo do que aprendeu, ou para aprender algo do que realizou, é refém de um longo trabalho que avança às custas de um saber arrancado, com perseverança, do Outro.

Um espaço coletivo torna-se, então, necessário para que o trabalho dos analistas possa se depositar, estabelecer interlocuções, contribuir para a formação. Dentro desta proposta, o Instituto pode ser um lugar para acolher os efeitos do que produzimos, um instrumento para verificar o que podemos formular sobre os sintomas de nossa época, para construir, em escala coletiva, pesquisas que contribuam para produzir estas interpretações, ficções para o mundo atual. Assim como precisamos da Escola para verificar a maneira como tratamos o inconsciente, precisamos do Instituto como instrumento para verificar a maneira como tratamos o saber explícito que se pode retirar da prática da análise.

1 Conforme Éric Laurent assinala em “Como engolir a pílula?”

Nesse sentido, o primeiro número de Clique reúne o que os analistas de mesma orientação pensam sobre a relação entre o significante e o fármaco, não como crítica exterior, mas sim como depoimento do que fazem os analistas com esses condensadores que se apresentam no decurso de um tratamento.

Que a Comissão Matemas tenha sido convidada a redigir o primeiro editorial da revista dos Institutos é, para nós, uma marca de que Clique e Matemas vieram contribuir para a composição do mosaico do Um dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano.

Comissão Matemas dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano.

- Ana Lúcia Lutterbach Holck > Rio de Janeiro
- Jésus Santiago > Belo Horizonte
- Marcela Antelo > Salvador
- Marcelo Veras > Salvador
- Márcia Rosa > Belo Horizonte
- Márcio Peter Souza Leite > São Paulo
- Marcus André Vieira - Secretário > Rio de Janeiro
- Maria Josefina Sota Fuentes > São Paulo

Apresentação

Clique, a revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, nasceu de um estalo. Ninguém podia prevê-la durante a longa discussão — a respeito dos rumos da psicanálise de orientação lacaniana no Brasil — ocorrida em Belo Horizonte naqueles primeiros dias de dezembro de 2000. No entanto, ela estava lá, antecipada, sendo gestada pela conversação, até vir à luz, primeiro como significante, depois materializada nesta publicação que está em suas mãos, caro leitor.

Clique é uma resposta que inventamos para poder tornar mais claras as perguntas que nos interessam a respeito da prática da psicanálise neste novo século que se inicia.

Para isso, ela pretende ser uma revista de circulação nacional, publicada conjuntamente pelo Instituto de Pesquisas em Psicanálise de São Paulo, pelo Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, pelo Instituto de Psicanálise da Bahia e pelo Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro. Suas fronteiras e seu litoral, todavia, terão a demarcação do “país da psicanálise”.

Clique procurará se mover acompanhando a plasticidade da cultura, sem, contudo, ceder de sua “extraterritorialidade”. Jacques-Alain Miller, em seu artigo O ensino de Lacan, acrescenta uma condição suplementar: a necessidade de se quebrar o encanto que recobre

os conceitos da psicanálise para colocá-los à prova na sustentação de sua prática.

Como revista dos institutos, Clique participa da dinâmica da psicanálise em sua relação com o saber: trata-se, aqui, de um lugar de exposição das mais diversas inquietações advindas de uma prática fundada sobre a suposição de um saber no real.

O tensionamento será permanente, o que é uma das funções de um Instituto de Psicanálise em sua relação com a Escola de Lacan. Desse encontro, saber produzir faísca, luz, levando-se em consideração que “cada analista é responsável pela materialização do inconsciente em meio aos ditos de seu paciente, mas, para isso, precisa apoiar-se no espírito de seu tempo”, conforme o editorial da Comissão Matemas — comissão nacional criada para elaborar as bases epistêmicas de um Instituto Brasileiro de Psicanálise do Campo Freudiano.

Sabemos que o “espírito do tempo” sopra na direção difusa das psicoterapias, seja no plano individual, seja revivida como purgação coletiva frente aos acontecimentos traumáticos experienciados em escala mundial. Não há como ignorar a dimensão psicoterápica que toma conta da política: contra o mal, só o bem.

Clique já nasce com uma tarefa: fazer ressaltar as linhas de demarcação entre a psicanálise e as psicoterapias, com agilidade, sem arrogância, sabendo respeitar a busca humana, “demasiada humana”, para se ver livre de seus sofrimentos. Lidar com o mal-estar, sem a ilusão de eliminá-lo, implica “saber guiar-se sobre o puro real”, colocá-lo num bom lugar pelas vias do bem-dizer. Que cada um possa traçar um novo desenho topológico na sua relação com o real, guardando distância em relação à lógica infernal do menos e do mais.

Palavras e pílulas foi o tema que escolhemos para este primeiro número. Esse encontro — que reverbera em assonâncias — não foi promovido ao acaso. O tom, aqui adotado, não será o de uma contraposição. Isso seria não perceber todas as sutilezas que estão em jogo na circulação contemporânea das pílulas que, bem sabemos, não se faz sem as palavras. E nem poderíamos desconsiderar nossa tradição literária que nos apresentou uma “pílula falante”, aquela do Dr. Caramujo, capaz de fazer a boneca Emília passar a habitar o mundo da linguagem para enchê-lo de graça.

Este número de Clique procura delinear os diversos modos de articulação entre as palavras e as pílulas hoje em circulação num mundo onde, como aponta Éric Laurent em seu artigo, o medicamento tornou-se índice de um modo de gozo de nossa civilização, com suas versões de *pharmakon*, placebo, anestésico e “mais-de-libido”. Márcio Peter de Souza Leite lança a hipótese de que o futuro da psicanálise irá depender “da possibilidade de incidir sobre o modo de gozo que decorre da opção pelos psicofármacos”. Francisco Paes Barreto nos dirá do uso dos psicofármacos no discurso analítico, “a serviço de uma regulação ou tempero do gozo”, quando isso não é possível de ser efetivado pelas palavras. Ainda sobre a relação entre psicanálise e psicofármacos, transcrevemos aqui uma conversa sobre o tema com psicanalistas que, em função de sua formação como psiquiatras, dão-nos o testemunho de sua incidência na prática clínica. Num paralelo com a Farmácia de Platão, de Jacques Derrida, Sérgio Laia nos apresenta o que poderia estar nas prateleiras de uma eventual “Farmácia de Lacan”. No campo das chamadas toxicomanias, veremos, com Lenita Bentes, como a ciência e seus objetos “fazem supor ao sujeito que ele pode prescindir do Outro”. Como perspectiva de tratamento, Carlo Viganó aponta na direção de “uma Outra dependência, aquela do *subjectus*”. As palavras e as pílulas se manifestam de modo importante no contexto da relação sexual. Sandra Gostein procura demonstrar como a pílula contraceptiva tornou-se marco de um apagamento da diferença entre homens e mulheres, entre natureza e cultura. Antônio Beneti interroga as conseqüências clínicas diante da possibilidade do Viagra, como “gadget químico”, tornar-se um novo objeto das

toxicomanias.

Nosso tema não poderia deixar de se referir ao corpo. Romildo do Rêgo Barros procura delinear o corpo a ser tratado no mundo contemporâneo, como corpo produzido pela ciência moderna, corpo traumatizado que se apresenta como Outro. E, ainda, Marcela Antelo nos apresenta um estudo sobre a “forma pílula”, como aquilo que melhor realiza o conceito de “envoltura”, no sentido de “continente de um conteúdo qualquer que, uma vez introduzido no corpo, deverá desaparecer como continente”, produzindo, desse modo, efeitos terapêuticos a partir do puro invólucro.

Apresentamos, também nesta edição, uma versão impressa dos “Cadernos da Comissão Matemática”. Trata-se de um estudo relevante a respeito da relação entre a investigação e o ensino da psicanálise, a partir de duas questões: existe uma crise no ensino e na pesquisa da psicanálise? O que é uma investigação psicanalítica? Duas interrogações que buscam atravessar um desfiladeiro: se o analista não deverá se curvar à demanda de saber, também não poderá se esquivar de propor soluções para a angústia de seu tempo.

Aí está, caro leitor, o roteiro do primeiro número da Clique. Esperamos que estas páginas possam ter o mesmo efeito da “pílula falante” sobre Emília, aquela cujas idéias “hão de ser sempre novidades”.

Ram Mandil